



## NARRATIVAS DE JOVENS ESTUDANTES QUILOMBOLAS: VIVÊNCIAS E REALIDADES NO CURRÍCULO ESCOLAR

**Anderson Silva Santos<sup>1</sup>**

E-mail: santos.andersonsilva.02@gmail.com

**Valéria Campos Cavalcante<sup>2</sup>**

E-mail: vccavalcante1@hotmail.com

**Nayanne Lima Alves<sup>3</sup>**

E-mail: nayyy1917@gmail.com

GT 5 – Educação, Culturas e Currículos

### RESUMO

Este artigo que aqui expomos, surge como fruto de uma pesquisa desenvolvida na comunidade quilombola do Oitero/Penedo, sobretudo, na escola municipal inserida na comunidade. Trazemos como objetivo investigar: até que ponto a referida escola quilombola está conseguindo implementar um currículo que possibilite reflexões sobre as identidades negras dos estudantes. Como percurso metodológico, utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa, baseada em estudo de caso. Tomamos como objeto de investigação, as narrativas dos estudantes jovens da escola investigada. Ao analisar a realidade dos jovens que estudam na escola da comunidade quilombola do Oitero entende-se que nem sempre ele é respeitado e reconhecido na/pela comunidade. Para elaboração desta pesquisa, nos fundamentamos em autores como Gil (2008); Freire (2002); Gatti (2005); Santos (2005, 2008), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens - Escola Quilombola - Currículo Escolar - Realidades

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto surge a partir da nossa inserção na Comunidade Remanescente de Quilombo do Oitero, em Penedo, Alagoas, enquanto estudantes e pesquisadores Universidade Federal de Alagoas (UFAL), por meio das ações desenvolvidas em de Projetos de Extensão, sobretudo, nas visitas realizadas à escola municipal *Dandara*<sup>4</sup>, situada na própria comunidade. Diante desta questão, em especial, percebemos que os jovens da comunidade, desconhecem, por vezes, a sua ancestralidade quilombola. Nas visitas à escola *Dandara*, ratificamos a hipótese que formulamos inicialmente: que as maiorias dos jovens estudantes da instituição, provenientes da comunidade em questão, não se reconhecem como negros e quilombolas.

<sup>1</sup> Graduado em Turismo pela Universidade Federal de Alagoas/ U.E Penedo. Estudante de Pós-Graduação no curso de Gestão Escolar (FERA), vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação, Currículo e Diversidades.

<sup>2</sup> Professora Orientadora do CEDU/UFAL, *Campus A. C Simões*. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Currículo e Diversidades. Vinculada ao Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos-Multieja.

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em Turismo pela Universidade Federal de Alagoas/ U.E Penedo.

<sup>4</sup> Utilizamos nomes fictícios para não expor os sujeitos da pesquisa.



Estando essa realidade posta, busca-se como objetivo deste texto investigar: *até que ponto a escola quilombola, situada no Oitero/Penedo, está conseguindo implementar um currículo que possibilite reflexões sobre a identidades negras/quilombolas*. Currículo aqui compreendido como práxis e não um objeto estático, se configurando por meio das ações, conteúdos e das práticas que ocorrem cotidianamente nas escolas (OLIVEIRA, 2002).

Para nortear esta pesquisa, utilizamos como abordagem metodológica, a pesquisa qualitativa, baseada em estudo de caso. Tomamos como objeto de investigação, as narrativas dos estudantes jovens da escola *Dandara*, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e grupos focais.

Entende-se ainda, que os jovens da comunidade do Oitero, encontram-se, em sua grande maioria, em um contexto de vulnerabilidade social, expostos às situações que não favorecem o seu desenvolvimento sob as óticas da sociedade local. Partindo desse pressuposto, compreendemos que a escola inserida na comunidade quilombola do Oitero/Penedo devem abordar dois focos primordiais: inicialmente, trazer reflexões dentro do espaço escolar sobre a construção étnicorracial dos sujeitos que fazem parte da escola, assim como discussões sobre a ancestralidade, considerando que a escola está dentro de uma comunidade quilombola; e da mesma forma, refletir sobre como os determinantes sociais promovem situações de insegurança e incertezas que esses jovens são submetidos constantemente, considerando as suas condições sociais, econômicas.

### 3. ESCOLA QUILOMBOLA – REFLEXÕES E CONCEITOS

A comunidade Quilombola do Oitero é composta por 1500 famílias que habitam na comunidade e no entorno. Destaca-se ainda o grande grau de parentesco entre a maioria dos moradores da comunidade. No aspecto econômico, as famílias da comunidade são, em sua grande maioria, de baixa renda e muitas sobrevivendo através da agricultura, beneficiárias do programa do governo Federal “Bolsa Família. Para fundamentar quilombo nos apoiamos em Pará, Oliveira e Velloso, (2007, p. 220 -221) compreendendo como:

[...] um local de resistência e da vivência dos africanos que aqui chegaram, cumpre um papel fundamental na manutenção das formas de produção social, da cosmovisão africana e na sobrevivência desta população como comunidade negra constituída, com consciência de grupo e de origem comum.

Dentro deste contexto, a Escola Municipal de Educação Básica *Dandara*, que está inserida na comunidade, atualmente está dividida em duas escolas matriz e extensão, que



atendem ao Ensino Fundamental I e II. De maneira geral a instituição atende a um público de baixa renda de 06 a 15 anos aproximadamente, em sua grande maioria negra, descendente de quilombolas. Ressaltamos a importância da escola Dandara assumir o compromisso de trazer a história da comunidade e a sua realidade para sala de aula, sendo assim, a escola deve agir de maneira que haja a valorização da identidade quilombola, respeitando seus costumes, suas crenças e sua cultura, pois compreende-se que o processo educativo, sobretudo para o estudante quilombola deve-se ressaltar a história e cultura da comunidade onde se localiza a escola.

Há que se ressaltar a legislação que respalda um trabalho específico de valorização das questões étnico-raciais no cotidiano escolar. Dentre os principais documentos estão a Lei 10.639/03 e o Plano Nacional para EREER<sup>5</sup> que visam à formação dos sujeitos no ambiente escolar, buscando trabalhar a questão da diversidade e do multiculturalismo. Diante desses documentos compreendemos o quanto é importante que se contemple nos currículos escolares, sobretudo nas escolas quilombolas, discussões as sobre identidades dos jovens negros quilombolas, como nos mostra Quirino (2014, p.38) “toda identidade exige reconhecimento, caso contrário ela poderá sofrer prejuízo se for vista de modo limitado ou depreciativo”.

Diante disso, podemos perceber o quão é importante trabalharmos nas escolas quilombolas num processo de contra hegemonia na qual as identidades dos jovens estudantes negros sejam trabalhadas e priorizadas, conforme nos auxilia Quirino (2014, p. 52) ao afirmar que “o currículo é constituído de múltiplas narrativas, podendo utilizar o discurso do grupo dominante, neste contexto, as histórias podem ser invertidas, subvertidas e parodiadas, criando novas identidades e subjetividades contra-hegemônicas”.

Neste contexto, o currículo escolar reafirma seu poder como um documento que pode permitir ao estudante para que estudantes negros e pobres possam enxergar o mito da democracia racial, que nega e rouba sua identidade e história. Acreditando nisso, no próximo item mostraremos um trabalho pedagógico realizado na Escola quilombola *Dandara* que tenta resgatar a identidade dos estudantes pobres e negros.

#### **4. JOVENS QUILOMBOLAS: NARRATIVAS E VIVÊNCIAS**

---

<sup>5</sup> Educação para as Relações Étnico-Raciais.



Para a realização deste trabalho, utilizou-se o método de pesquisa qualitativo-interpretativo, baseado em estudo de caso. A opção por esse tipo de pesquisa dá-se porque os dados foram retirados de um contexto real, isto é, das falas dos estudantes de uma escola quilombola, situada na cidade de Penedo. A escolha do estudo de caso ocorreu porque esta abordagem tem seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo, pois, mesmo sendo similar a outros é, ao mesmo tempo, singular, já que incide naquilo que ele tem de interesse próprio e particular (ANDRÉ & LUDKE, 1986). Como parte integrante da pesquisa, foram coletadas falas dos jovens moradores da comunidade, estudantes da escola municipal *Dandara*, através de dois instrumentos: Entrevista semiestruturada e Grupos Focais.

Nos apropriamos das falas de 10 entrevistados, dentro de um grupo focal, com jovens entre 17 e 20 anos, conforme anunciamos anteriormente, residentes na comunidade de Oitero/AL. Os jovens estudantes envolvidos em nossa pesquisa são pessoas que possuíam muitos saberes advindos de suas comunidades, trabalhos, experiências extraescolares que não devem ser ignorados no cotidiano escolar. Por isso, durante a pesquisa necessitamos ouvi-los, sobretudo, para analisar quais seriam suas expectativas em relação à escola. Essa escuta deu-se por meio de narrativas de múltiplas vozes que ecoaram num discurso, seja nos grupos focais com os estudantes, seja no cotidiano vivenciado nas escolas onde os sentidos foram se construindo e se recriando e os sujeitos teceram “[...] seus conhecimentos de todos os tipos, buscando discutir, assim, o que poderíamos chamar o fazer cotidiano [...]” (ALVES; GARCIA, 2002, p. 17). Nesse processo são detalhadas experiências vivenciadas pelo narrador. Para atender aos nossos objetivos formulamos as seguintes questões:

- a) *O que é uma comunidade quilombola? Como é morar aqui?*
- b) *Na escola são discutidas questões referentes à comunidade quilombola?*

As perguntas foram elaboradas com a tentativa de compreender a visão dos estudantes jovens/negros sobre as suas identidades, as histórias da comunidade, dos seus antepassados, e quais seriam suas perspectivas de vida. Buscamos compreender um pouco sobre a comunidade, o que é ser negro, e as expectativas sobre a vida e o futuro.

- c) *O que é uma comunidade quilombola? Como é morar aqui?*

Desprovidos de formalidades, quando do grupo focal, os alunos foram narrando as suas histórias, seus sentimentos. Ao serem questionados sobre o porquê do Oitero ter sido



reconhecida como comunidade quilombola, e por sua vez, nos ofertar indícios de suas origens, a maioria dos entrevistados não tiveram uma resposta concisa sobre a história dos antepassados negros da comunidade. Conforme observamos nas narrativas abaixo:

*“Eu não sei explicar não. Só sei que eu sou quilombola porque minha família é toda daqui. Eu nasci aqui, mas não sabia por que as pessoas são quilombolas, nem a minha família nunca me explicou isso, hoje eu sei um pouco que é por que somos negros”.* (GRUPO FOCAL ESCOLA DANDARA, ENTREVISTADO 3).

*Eu sei que tem uma dança das idosas, elas sempre se apresentam nas festas daqui, do Oitero, minha avó faz parte, elas têm uma dança que diz que é quilombola, isso eu já vi aqui no bairro, mas eu sei pouco sobre essa história de quilombolas.* (GRUPO FOCAL ESCOLA DANDARA, ENTREVISTADO 2).

Como podemos perceber, as narrativas dos jovens evidenciam a ausência de informação sobre a sua descendência quilombola. Entretanto, apesar de sabermos que nos últimos anos os moradores/as foram bombardeados com informações acerca da legalização da comunidade do Oitero como território Remanescente de Quilombo, reconhecido oficialmente pela Fundação Cultural Palmares<sup>6</sup>, os relatos dos jovens demonstram a desinformação sobre as histórias dos seus antepassados e a origem da comunidade.

Assim, ao se depararem com a pergunta sobre a origem da comunidade quilombola de Oitero, uma parcela dos entrevistados não detinha de uma resposta precisa. Diante dessas falas, percebemos que na comunidade do Oitero, há uma ausência de discussões sobre os aspectos ancestrais e culturais do que venha ser uma comunidade quilombola. Neste sentido, não há, portanto, fora da escola, um processo educativo que apresente às novas gerações, as especificidades da cultura e da identidade étnicorracial da/na comunidade. Consequentemente, permanece o silenciamento, que nega as informações para as novas gerações, sejam estas sobre a identidade negra, os saberes tradicionais ou as práticas socioculturais das populações quilombolas.

Diante das reflexões nos grupos focais, poucos jovens reconheciam suas origens, alguns demonstraram reconhecer a cultura quilombola, de maneira muito superficial. Neste sentido, os jovens atrelaram suas origens apenas às questões culturais, como podem perceber nas falas abaixo:

---

<sup>6</sup> A Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) Senhor do Bonfim – popularmente conhecido como Bairro do Oitero – foi reconhecida como CRQ, em 13/12/2006, conforme Portaria N° 29/2006, publicada no Diário Oficial da União.



[...] *Por causa de muitos descendentes quilombolas que praticam a capoeira e muitas famílias que vivem aqui.* (GRUPO FOCAL ESCOLA DANDARA, ENTREVISTADO 1).

[...] *Eu já ouvi falar e foi lá na praça central, coisas que o povo fala, mas eu nem sei direito... Também já falaram essas coisas de negro e quilombola na escola. É isso que lembro.* (GRUPO FOCAL ESCOLA DANDARA, ENTREVISTADO 4).

Ao ouvir os relatos dos sujeitos que aceitaram participar dos grupos focais, inquietamo-nos em perceber que, para a maioria, existe uma compreensão superficial em relação à identidade quilombola. Esses jovens desconhecem, portanto, que a noção de pertencimento quilombola dá-se através da noção de ancestralidade, de reprodução de seu modo de vida singular, de laços de parentesco, de uma história de origem, que deveria ser passada de geração em geração, através da oralidade.

O ideal seria que os mais velhos da comunidade transmitissem as histórias através da oralidade para os mais jovens. Esses momentos de contações de histórias serviriam para o exercício consciente da cidadania, num processo formativo que se configura como atividade humana desenvolvida de forma intencional e diretiva por sujeitos mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2002), em momentos de conscientização que podem contribuir para “a tomada de uma autêntica ‘consciência de classe’ por parte dos oprimidos” (FREIRE, 2002, p.164).

#### ***b) Na escola são discutidas questões referentes à comunidade quilombola?***

As vozes dos jovens, nessa investigação, demonstraram que a escola está conseguindo ampliar os saberes sobre a identidade quilombola, como podemos constatar nas falas abaixo:

[...] *Sinceramente na minha casa minha família não fala sobre essas histórias, meus pais acho que também não sabem muito sobre isso. Na escola, minha professora falou um pouco sobre essas histórias quilombolas, tem alguns projetos, já aconteceu até uma peça teatral, eu participei.* (GRUPO FOCAL ESCOLA DANDARA, ENTREVISTADO 7).

*Na escola, eu ouvi falar alguma coisa que aqui era uma comunidade de negros fugidos. Tem projetos na escola sobre isso. [...] e minha avó é um bom exemplo, ela dança com as idosas, foi até se apresentar lá escola, com as outras idosas, elas dançaram a dança da peneira, para nós alunos.* (GRUPO FOCAL ESCOLA DANDARA, ENTREVISTADO 8).

Ao analisarmos essas duas narrativas, podemos perceber a atuação da escola, no processo de construção identitária desses jovens. A escola está trabalhando a partir da valorização da identidade negra, estando pautada no respeito aos costumes, as crenças e a cultura das comunidades, conforme afirma o entrevistado: “*Tem projetos na escola sobre isso.*



[...] e minha avó é um bom exemplo, ela dança com as idosas, foi até se apresentar lá escola, com as outras idosas, elas dançaram a dança da peneira para nós, alunos”.

Assim, entende-se que a escola quilombola *Dandara* está introduzindo no seu currículo, questões específicas da comunidade em que está inserida, em benefício do saber individual e coletivo, conforme preconiza a Lei 10.639/03 e o Plano Nacional da Educação para as Relações Étnico-Raciais (2008). Observamos assim, que a escola está colaborando com a experiência social da comunidade, procurando entender seus significados. Nesta concepção de educação, rompe-se com os conhecimentos tidos como fechados, confrontando-os com outras opções de conhecimentos.

Nesta lógica, a escola traz essa discussão em forma de arte e cultura, como podemos constatar nestas falas, dos entrevistados 7 e 8: “Na escola minha professora falou um pouco sobre essas histórias quilombolas, tem alguns projetos, já aconteceu até uma peça teatral, eu participei. [...] e minha avó [...] foi até se apresentar lá escola, com as outras idosas”.

No fragmento acima, observamos que o espaço escolar consegue estabelecer aproximações entre os estudantes e suas realidades. Estas aproximações desencadeiam o sentimento de pertencimento da identidade quilombola, nos jovens estudantes. Compreendemos, portanto, que no decorrer da pesquisa e conversação com os sujeitos, foi possível alcançar a superação da lógica hegemônica. Assim, a escola se caracterizou como lugar de emancipação. Isso só ocorreu à medida que a escola permitiu que as vozes dos antepassados negros dos estudantes ecoassem na sala de aula, num processo dialógico que estava pautado acima de tudo, pelo respeito.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Este texto surge a partir da nossa inserção, na comunidade do Oitero, enquanto estudantes e docentes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), durante a realização de Projetos de Extensão desenvolvidos *in loco*, sobretudo, às visitas realizadas à escola da comunidade. Para nortear esta pesquisa, utilizamos como abordagem metodológica, a pesquisa qualitativa, baseada em estudo de caso. Tomamos como objeto de investigação, as narrativas dos estudantes jovens da escola *Dandara*, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e grupos focais.



Durante a nossa inserção na comunidade percebemos que muitos dos/as jovens moradores da comunidade e ao mesmo tempo, estudantes da escola visitada, pouco se reconheciam como negros e/ou quilombolas. Tal inquietação, nos levou a tentar compreender até que ponto a referida escola quilombola estava conseguindo implementar um currículo que possibilitasse reflexões sobre as identidades negras.

Por fim, entendemos que o fortalecimento da identidade negra/quilombola deve acontecer para além dos espaços formais de ensino, com a participação ativa de todos os sujeitos da comunidade, para que assim os/as estudantes possam fortalecer os saberes sobre suas identidades.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (Org.). Et al. **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LUDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 8ª ed. São Paulo: E.P. U, 2004.

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 11.645/08, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008. pág. 220.

QUIRINO, D. R. **Cotidiano e violência simbólica: a desconstrução do preconceito étnico-racial nas escolas** / Daisy Rodrigues Quirino – Recife: Ed. Universitária UFPE, 2014. il. – (Coleção Étnico-racial). pág. 175.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.